

Educação e desenvolvimento

- 8 NOV 1994

O GLOBO

JOÃO ROBERTO MOREIRA ALVES

A 77ª Convenção Internacional da Associação Internacional de Lions Clubs, realizada em julho de 1994, em Phoenix, Estados Unidos, alertou líderes de todas as partes do mundo para o fato de que, no ano 2000, 40% da população estarão com menos de 20 anos de idade.

Esse grande universo de jovens estará necessitando de uma sólida educação para que as nações se desenvolvam, exigindo participação de todos os segmentos da sociedade para que se atinjam os objetivos almejados pela comunidade internacional.

No Brasil, nos termos da Constituição federal (artigo 205), "a educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o da cidadania e sua qualificação para o trabalho."

Faltam, contudo, no Brasil, planos para a educação e, quando existem, são mal administrados pelo poder público.

O nosso país é, infelizmente, líder absoluto de descontinuidade na educação. Ao longo dos seus 171 anos de independência política, tivemos 165 ministros encarregados da área da educação, representando uma média de 1,03 ministro/ano. A grande exceção foi Gustavo Capanema, que permaneceu por 11 anos à frente da educação nacional. Não fosse ele, a média seria naturalmente muito menor.

Objetivando dar sua contribuição à análise das causas desse preocupante quadro da educação brasileira, o Lions promoveu, em março de 1994, o Fórum Educação & Modernidade, tomando por base o resultado de uma pesquisa feita pela Associação Comercial do Rio de Janeiro junto a centenas de escolas. A equipe detectava, como as principais deficiências da educação: má formação do professor, má remuneração, falta de política da

educação, currículos inadequados e ausência de recursos didáticos.

A crise econômica e social ocupou um modesto oitavo lugar.

O resultado desastroso dessa inadequação da escola às necessidades do país é um grande desperdício de recursos humanos e materiais, notadamente por meio das reprovações.

A cada mil alunos que ingressaram no ensino básico, somente 396 chegaram à 8ª série do Primeiro Grau. Isso representa um desembolso de US\$ 2,5 bilhões.

Para termos uma dimensão desse vultoso número, resolvemos fazer comparações com a

“O Brasil desperdiça, só nas reprovações, US\$ 7 milhões por dia”

campanha mundial de visão, promovida pelo Lions. A mobilização de 181 países foi para se levantar, em três anos, US\$ 130 milhões.

O Brasil desperdiça, só nas reprovações, US\$ 7 milhões por dia. Isto quer dizer que a cada 19 dias joga-se fora tudo aquilo que o Lions conseguiu arrecadar, no mundo inteiro, em três anos.

Temos que reconhecer que dispomos de um dos piores sistemas de educação do mundo, inclusive colocando-nos atrás de muitas nações do continente africano.

Essa crise, aliás, já é antiga: no relatório do ministro da Justiça e Negócios Interiores (encarregado da área da educação), dr. Joaquim Seabra, dirigido ao

presidente da República em 1906, encontramos o seguinte trecho: "O ensino chegou a um estado de anarquia e descrédito que, ou faz-se sua reforma radical, ou é preferível aboli-lo de vez."

Não há falta de recursos para a educação, mas sim uma má administração deles e um sistema nacionalmente errado, onde se esquece da educação básica para financiar o ensino superior público gratuito.

Num estado do Nordeste brasileiro — com o pior índice de desempenho escolar do país — gastam-se quase US\$ 20 mil por ano para cada aluno da universidade local. Sairia mais barato para o contribuinte se todos os alunos dessa universidade estudassem em Harvard ou outra instituição do mesmo porte em qualquer lugar do mundo.

O que é extremamente grave é que assistimos passivamente a tudo isso, deixando que a nave do desenvolvimento despenque para o Quarto Mundo, ao invés de ir em direção das nações industrializadas.

Posição inversa foi adotada por países em todos os cantos do mundo, com magníficos resultados para o alavancar do desenvolvimento. Exemplos típicos dessa nova vertente mundial vem dos chamados "tigres asiáticos" — Taiwan, Hong Kong, Tailândia e Coreia do Sul.

A reversão desse triste quadro depende, fundamentalmente, da participação da sociedade, através de todos os segmentos.

Todos poderão exercer um importante papel no apoio para as mudanças, dependendo, evidentemente, de cada um de nós.

Sem educação não há desenvolvimento.

Sem desenvolvimento não há progresso humano e, em consequência, afasta-se o legítimo direito do povo brasileiro à plena cidadania.

João Roberto Moreira Alves é presidente do Instituto de Pesquisas Avançadas em Educação.